

APRESENTAÇÃO*

Pensar a educação não formal não é uma tarefa das mais fáceis, pelo contrário, coloca-se como um trabalho árduo de reflexões, posicionamentos e apontamentos que ultrapassam aspectos meramente físicos das instituições, sejam elas escolares ou extraescolares. Coloca-se, também, como um convite à reflexão para além de um entendimento simplista de complementaridade à educação formal, escolar. Este é um exercício didático, epistemológico e emocional que escapa à unanimidade de uma definição, gerando por vezes intensos conflitos interpretativos. Entretanto, este desafio caminha no sentido de vislumbrar novas possibilidades educacionais e de aprendizagem no desejo por uma educação de qualidade.

A educação não formal pode ser percebida em diferentes ambientes, como museus, zoológicos, parques temáticos, centros de ciências, aquários e também na escola, quando há realização, por exemplo, de exposições itinerantes, mostras de saberes ou instalação de um planetário. É um viés educacional que busca, de partida, promover a construção de conhecimentos de diferentes áreas (ciências humanas, exatas e biológicas) para diferentes públicos, escolares ou não. Congrega em suas finalidades a promoção da socialização de conhecimentos imprescindíveis à vida cotidiana, a promoção de cidadania, de possibilidades de prática educativa, enfim, da leitura de que a educação é um processo ao longo da vida, de desenvolvimento intelectual das pessoas. A educação não formal pode ser entendida como detentora de objetivos e finalidades próprias, ampliando o leque de oportunidades de aprendizagem. Assim, pensá-la simplesmente como complemento à educação formal reduz sua real importância na sociedade e na promoção da cidadania.

O livro “OS MUSEUS E A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL - textos e contextos”, gestado ao longo dos anos de 2018 e 2019, retrata al-

* DOI – 10.29388/978-65-86678-24-6-0-f.11-16

gumas das pesquisas desenvolvidas por integrantes do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Não Formal e Ensino de Ciências (GEN-FEC), com sede no Museu dos Dinossauros da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), em Uberaba, Minas Gerais. O GEN-FEC, grupo certificado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), liderado pelos organizadores deste livro, iniciou suas atividades em 2017 e tem se dedicado ao desenvolvimento de pesquisas empíricas e teóricas, em nível de graduação e pós-graduação, sobre as possibilidades educacionais dos espaços educacionais externos à escola, em especial na relação museu-escola-comunidade, acessibilidade, parceria educação formal-educação não formal, divulgação científica e formação inicial (e continuada) de professores.

Este último tema, em especial, é abordado no primeiro capítulo do livro. Nele, as autoras buscam nortear as discussões frente às relações entre museus e estágios supervisionados em cursos de formação de professores. Desta forma, elencam uma discussão que segue três caminhos interligados: dissertam sobre os espaços não formais de educação e os museus da cidade de Uberaba, Minas Gerais, perpassando pela apresentação de como os espaços museológicos são contemplados nos Projetos Político-Pedagógicos dos cursos de licenciatura da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), em particular, no estágio curricular supervisionado e, por fim, tecendo uma reflexão sobre a relação entre museus e formação inicial de professores.

O segundo capítulo levanta uma discussão sobre a educação não formal como ente maximizador das potencialidades da educação formal, entendida como escolar. Os autores buscam fomento para suas discussões na perspectiva de Pierre Bourdieu, em especial, nas possibilidades de apropriação e ampliação cultural pelos estudantes a partir de vivências compartilhadas entre a educação formal e a educação não formal. Dissertando sobre tal aproximação, o enfoque recai sobre o capital cultural na direção de uma reflexão sobre esta relação frente aos indicadores educacionais sistematizados por meio de avaliações em larga escala.

Buscando discutir a utilização de espaços não formais de educação de Uberaba, Minas Gerais, pelas escolas estaduais da cidade, o capítulo terceiro vem refletir sobre as possibilidades do desenvolvimento do trabalho interdisciplinar nestes ambientes educacionais. As autoras levantam uma discussão sobre o preparo de professores para trabalharem nesses espaços. Ao final, tornam-se evidentes as demandas, na formação inicial e continuada de professores, de discussões que visem ao reconhecimento da riqueza dos espaços não formais de educação como meios propícios a colaborar com os processos de ensino-aprendizagem.

Relacionando a Natureza da Ciência (NdC) com os Museus de Ciências, o quarto capítulo levanta uma importante discussão sobre o contexto da educação científica. Neste sentido, colocam que a aproximação entre estas duas vertentes possibilitam trabalhar questões socioculturais as quais, segundo as autoras, buscam um diálogo com questões da Natureza da Ciência e ampliação do entendimento de nosso mundo vivencial. Neste sentido, apresentam de forma sintética aspectos da NdC e os museus de Ciências como meios pelos quais se possibilita suas percepções.

O quinto capítulo é dedicado a tratar da popularização da Ciência no Brasil, em especial, com um olhar para os objetivos e as concepções nos editais de fomento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Os autores compartilham da ideia de que é urgente a necessidade de políticas públicas para a popularização da Ciência e Tecnologia (C&T) e, desta forma, entendem que esta deve ser uma demanda que leve a uma apropriação que atinja todos os níveis e classes de nossa sociedade. Destacam a defesa de popularização da ciência como algo que leve à democratização do conhecimento científico, ponto não verificado nos editais analisados.

“*A Astronomia sempre despertou a curiosidade das pessoas*”. Assim inicia-se o sexto capítulo. Com o intuito de socializar atividades de Astronomia desenvolvidas na cidade de Uberaba, Minas Gerais, este capítulo traz um relato de como as atividades desenvolvidas pro-

piciaram um diálogo entre a Astronomia e suas interfaces com a educação não formal. O texto apresenta breve discussão sobre a importância de estudos sobre Astronomia para melhor entender o cotidiano das pessoas e as possibilidades de divulgação científica (DC) promovidas por esta Ciência. Com isso, os autores apresentam atividades que foram e continuam sendo desenvolvidas desde 2011, bem como suas possibilidades para a DC.

O sétimo capítulo traz uma vertente pouco explorada no âmbito dos espaços não formais de educação. Neste capítulo, as autoras levantam uma discussão sobre os surdos e sua (in)acessibilidade em três museus da cidade de Uberaba/MG. As discussões recaem sobre as possibilidades e os desafios de acesso da comunidade Surda uberabense a estes espaços museológicos. As autoras enfatizam o fato de que é comum a realização de visitas a espaços externos à escola (zoológicos, parques e museus...) na fase de escolarização, sendo que alunos Surdos também frequentam estes espaços acompanhando suas turmas. Desta forma, colocam como imprescindível pensar e refletir sobre tais espaços para a inclusão deste público, oriundo ou não de instituições escolares.

Dissertando sobre o uso de planetários itinerantes em pesquisas acadêmicas, o capítulo oitavo argumenta sobre as possibilidades de divulgação científica, popularização da ciência, formação continuada de professores e inclusão propiciadas pelo uso de planetários. Os autores apresentam, a partir de um recorte pautado em análises de artigos científicos publicados em um evento e um periódico, bem como de dissertações e teses presentes em repositórios de produção acadêmica brasileira, uma descrição acerca de como os planetários têm contribuído com o ensino de Astronomia no cenário nacional.

Em meio a textos e contextos de pesquisas, esperamos aguçar a curiosidade de leitores e leitoras para a importância dos ambientes de educação não formal como fomento para ampliar a popularização da ciência e da tecnologia, possibilitar a inclusão socioeducacional e contribuir com a (in)formação de professores. Estes são compromissos es-

tabelecidos pelo GENFEC ao atuar nas interfaces educação não formal, divulgação científica, ensino de ciências e formação de professores.

Boa leitura!

Organizadores

Pedro Donizete Colombo Junior
Daniel Fernando Bovolenta Ovigli

